

O complexo arqueológico de São Pedro de Matos (Forninhos, Aguiar da Beira): primeiros dados para o seu conhecimento em época medieval

The archaeological complex of São Pedro de Matos (Forninhos, Aguiar da Beira): first data to its knowledge in Medieval times

António Faustino Carvalho¹, Catarina Tente²,
Fátima Beja e Costa ³

Palavras chave

Recinto fortificado, Idade Média, Aldeia Moderna.

Keywords

Enclosure, Middle Age, Modern Village.

1 Universidade do Algarve, F.C.H.S., Campus de Gambelas, 8000-117 Faro, Portugal. E-mail: afcarva@ualg.pt

2 Instituto de Estudos Medievais, Universidade Nova de Lisboa, NOVA FCSH., Avenida de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa, Portugal. E-mail: catarina.tente@gmail.com

3 EON, Indústrias Criativas Lda., Praça de Goa, 1, 2.º esq., 3510-069 Viseu, Portugal. E-mail: geral@eonic.pt

RESUMO

O sítio de São Pedro de Matos, que foi primeiramente dado a conhecer por José Coelho, é constituído por diversos vestígios arqueológicos: um recinto fortificado medieval, um abrigo natural sob rocha, as ruínas de uma aldeia hoje abandonada, um lagar rupestre e fragmentos de vários sarcófagos que estariam associados à igreja dedicada a S. Pedro. Esta igreja e a respetiva necrópole localizavam-se entre o recinto fortificado e as ruínas da aldeia, mas foram totalmente destruídas nos finais do século XX. Em 2013 realizaram-se sondagens arqueológicas no recinto fortificado e na área junto ao abrigo, e efetuou-se o levantamento topográfico do complexo. Os resultados são reduzidos e apontam para um uso esporádico do recinto, muito provavelmente nos séculos X e/ou XI, já que as escassas cerâmicas ali recolhidas apontam para esta cronologia.

ABSTRACT

The site of São Pedro de Matos, firstly published by José Coelho, is constituted by diverse archaeological remains: a Medieval fortified enclosure, a natural rock-shelter, the ruins of an abandoned village, a rupestral mill and several fragments of sarcophagi originally associated to the church, which was dedicated to Saint Peter (“São Pedro”, hence the place name). This church and its cemetery were located between the fortified enclosure and the village ruins but were completely destroyed by the end of the 20th century. In 2013 archaeological tests were made in the fortified enclosure and in the area next to the shelter. A topographic survey of the entire complex was also carried out. Results are scant and point to an occasional use of the enclosure only, likely in the 10th and/or 11th centuries, a chronology suggested by the typology of the potsherds that were found.

1. INTRODUÇÃO: LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DO COMPLEXO ARQUEOLÓGICO

O complexo de S. Pedro de Matos, localizado na freguesia de Forninhos e concelho de Aguiar da Beira (Figura 1), foi referido pela primeira vez por José Coelho (1948), que procede a uma breve descrição do local e do seu interesse arqueológico, tendo sido depois referido por outros autores, entre os quais se salienta a interpretação de João Inês Vaz (1997). Uma síntese geral pode ser encontrada na monografia da freguesia, entretanto publicada (AA.VV., 2013). Este conjunto é formado por três áreas principais (Figura 2), que se podem descrever sucintamente do seguinte modo:

Recinto fortificado.

Trata-se de um pequeno recinto de altura, localizado no topo da elevação conhecida como Monte de São Pedro (de onde deriva o topónimo geral), que coroa o sítio a noroeste. A muralha foi construída entre e por cima de afloramentos graníticos e o acesso ao interior far-se-ia por uma porta única virada a sul. Esta área foi intervencionada entre 8 e 13 de agosto de 2013; os resultados obtidos são descritos adiante.

Abrigo sob rocha.

No caos de blocos graníticos no sopé do Monte de São Pedro, junto ao caminho de acesso ao recinto fortificado, existe um grande bloco cuja base, por ser côncava, conforma um espaço interior abrigado hoje em dia usado para guarda de lenha. Este abrigo foi intervencionado na mesma ocasião que o recinto fortificado.

Aldeia.

Trata-se de uma extensa área arqueológica a sul e a sudeste do Monte de S. Pedro, que não foi intervencionada. É composta por extensas ruínas de diversas casas de planta retangular ou quadrangular, adossadas e formando um aglomerado populacional de cujos muros restam apenas duas a três fiadas de pedras. O espaço havia sido recentemente limpo da vegetação arbustiva que o cobria, o que permitiu observar a sua planta original. Associada a este aglomerado, junto ao seu limite norte, existiu uma necrópole – da qual se veem alguns sarcófagos de pedra partidos – e uma igreja ou capela dedicada a S. Pedro de Verona, orago com origem no final do século XIV. A igreja/capela e a necrópole que lhe estaria associada foram destruídas no final do século XX, de acordo com o que foi possível apurar junto da população. Esta destruição terá sido motivada pelo uso de uma retroescavadora que terá removido sepulturas e a pedra que constituía as paredes da igreja. A sul do aglomerado de casas existe ainda um lagar rupestre de tipologia quadrangular.

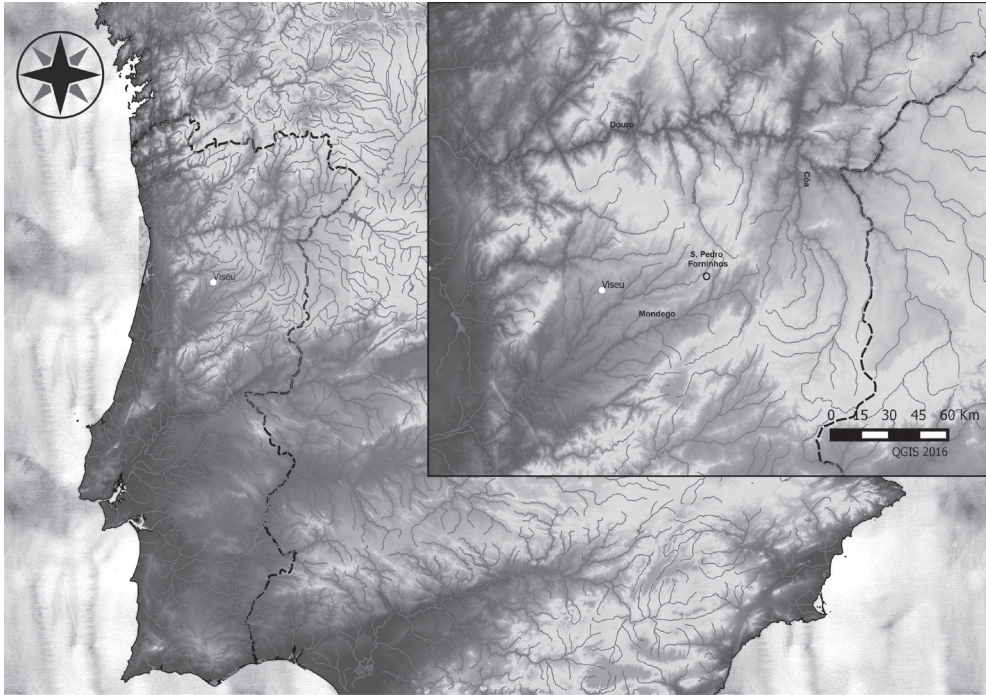


Figura 1

Localização do complexo arqueológico de São Pedro de Matos.

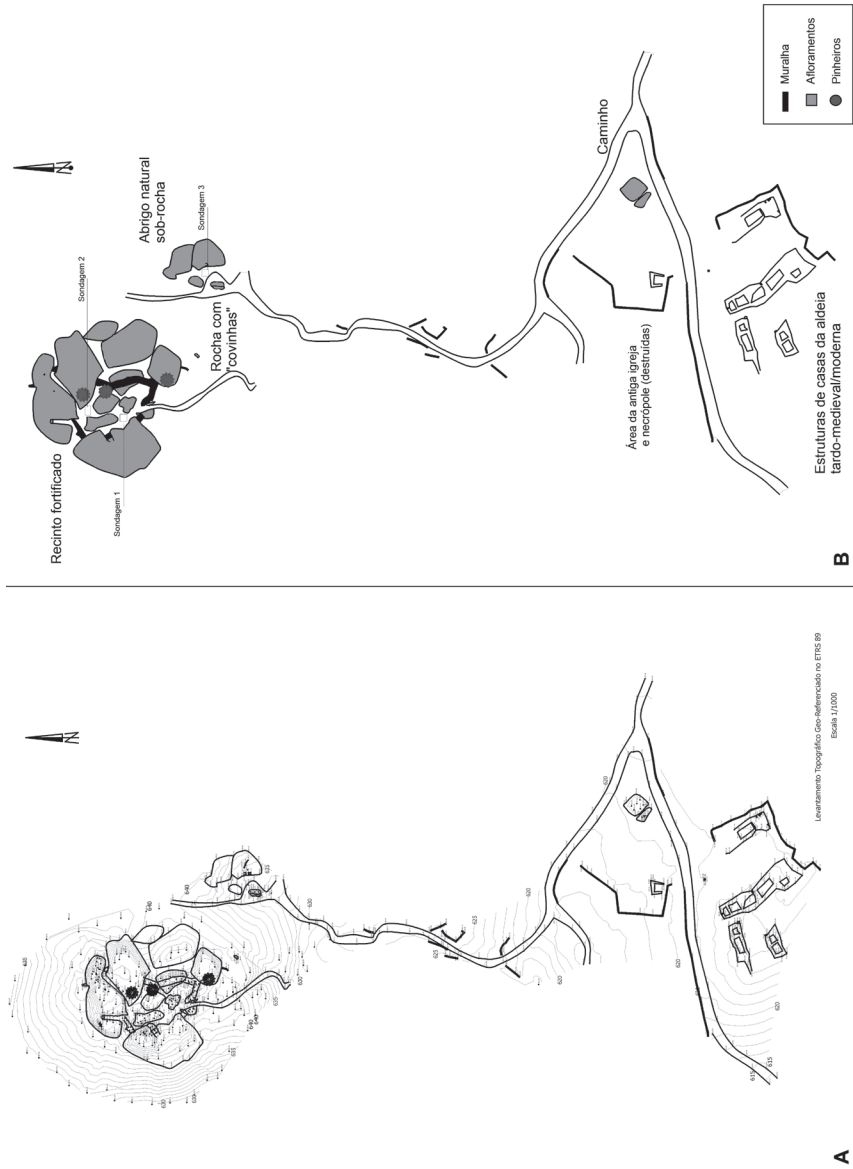


Figura 2

Levantamento topográfico do complexo arqueológico de São Pedro de Matos. A. Levantamento com curvas de nível; B. Levantamento simplificado das principais estruturas antrópicas.

2. TRABALHOS REALIZADOS E RESULTADOS PRINCIPAIS

A intervenção arqueológica de 2013 incidiu na realização de sondagens na área do recinto fortificado e do abrigo sob rocha, e no levantamento topográfico sistemático do complexo arqueológico. Estas sondagens tiveram um duplo objetivo: por um lado, avaliar o potencial arqueológico de cada área intervencionada (e, ao mesmo tempo, proporcionar uma determinação cronológica a partir da tipologia dos artefactos exumados) e, por outro, providenciar elementos para um modelo de formação do respetivo depósito arqueológico. Metodologicamente, a escavação foi conduzida a enxada e pá para remoção da camada superficial humosa, e a pico e colherim na escavação das camadas subjacentes. Os sedimentos não húmidos foram crivados em malha de 3 mm. A dimensão das sondagens variou consoante as características da topografia e da morfologia das formações graníticas, mas respeitou sempre que possível a sua subdivisão em unidades de 1 metro de lado. Os levantamentos topográficos abrangeram a totalidade do complexo arqueológico de modo a obter-se uma planta geral do mesmo, na qual se integraram também as sondagens acima referidas (Figura 2).

Na área do recinto fortificado foram efetuadas duas sondagens nos únicos espaços onde ainda se preservava algum depósito sedimentar, uma vez que a maior parte da área interna é constituída apenas por afloramentos graníticos. Assim, a designada Sondagem 1 foi aberta em frente à entrada original da fortificação. Tinha apenas 2×2 metros, o que significa, no entanto, cerca de metade da área disponível neste sector. A Sondagem 2, topograficamente mais elevada e situada a norte da anterior, foi implantada no único outro espaço com sedimento ainda preservado. Esta sondagem, devido ao reduzido espaço disponível, conforma um retângulo de 1×3 metros disposto no sentido este-oeste. Ao contrário do que se pensara inicialmente, na área do abrigo sob rocha intervencionou-se somente a sua plataforma exterior, onde se abriu uma sondagem de 1×2 metros, designada por Sondagem 3. Com efeito, dentro do abrigo haviam sido recentemente amontoadas pedras e giestas secas resultantes da limpeza dos terrenos envolventes, o que impediu o acesso e a sondagem do interior. Deve salientar-se, porém, que o bloco granítico sob o qual se desenvolve o abrigo está assente em afloramentos, pelo que o depósito sedimentar e os processos que terão presidido à sua formação e acumulação serão os mesmos no interior e no exterior. Porém, esta sondagem não revelou qualquer artefacto, pelo que se conclui não haver presença humana antiga neste local.

Em frente deste abrigo existe um espesso monólito granítico, de morfologia geral subparalelepípedica, que ostenta no topo um sulco gravado no sentido do seu eixo maior e, numa das faces menores, um conjunto de “covichas” (Figura 3). Conquanto não tenha sido objeto de levantamento, trata-se de um achado singular

que merece ser descrito. Ao que tudo indica no momento atual de estudo deste complexo arqueológico, esta peça não estará diretamente associada a qualquer outro tipo de estrutura. Desconhece-se, portanto, se o sulco se relacionará funcionalmente com alguma estrutura em material perecível entretanto desaparecida, à semelhança do que foi documentado, por exemplo, no sítio do Penedo dos Mouros, em Gouveia (Tente, 2012). As “cavinhas”, por seu lado, são ainda mais difíceis de interpretar pela larga diacronia em que ocorrem na Beira Alta, remontando pelo menos à arte megalítica na região envolvente. No caso de S. Pedro de Matos, as “cavinhas”, que são pelo menos em número de 17, conformam um conjunto cuja disposição não parece aleatória. Com efeito, um alinhamento horizontal de oito “cavinhas” forma um plano a partir do qual dois outros alinhamentos, menores, se dispõem na diagonal: um, à esquerda do observador, com cinco “cavinhas”, e outro, à direita, com três. Entre ambos os alinhamentos, imediatamente acima do plano horizontal, há ainda uma outra “cavinha”. Não sendo claramente um fenómeno natural, fica no entanto por esclarecer não só a cronologia deste conjunto, como o seu significado. Trabalhos que se venham no futuro a realizar neste sector poderão contribuir para o esclarecimento destas manifestações arqueológicas.

O recinto fortificado tem uma planta ovalada, com uma única entrada virada a sul-sudeste. Trata-se de uma espessa muralha constituída tanto por pedra aparelhada como não aparelhada. Em alguns troços é possível observar a existência de dois paramentos (interno e externo) com preenchimento de pedra de menor dimensão, não aparelhada. A muralha aproveita a topografia dos afloramentos e blocos graníticos, colmatando os espaços entre eles (aparentemente os mais débeis do ponto de vista defensivo), sobrepondo-se por vezes aos mesmos. Aproximadamente a meia vertente, observa-se ainda outro pequeno troço de muralha construída com a mesma técnica, aparentemente isolado, e que provavelmente fará parte das estruturas de acesso à plataforma na entrada da fortificação.

A escavação do interior do recinto não identificou quaisquer estruturas antrópicas. Existe apenas um único depósito sedimentar arenoso, muito pulverulento, resultante da desagregação do granito, onde se podem identificar duas unidades estratigráficas (com base da diferente percentagem de matéria orgânica), comuns a ambas as sondagens:

Camada 0.

Com uma espessura constante de 10 cm na Sondagem 1 e de 5-11 cm na Sondagem 2, esta camada é formada por terra humosa com uma elevada densidade de raízes e alguns carvões resultantes de incêndios recentes. Devido ao maior teor em matéria orgânica, apresenta uma coloração castanho-escuro. É praticamente estéril em materiais arqueológicos.

Camada 1.

Sedimentos castanho-claros a amarelados, muito arenosos e com inúmeros grãos quartzosos e clastos de granito de dimensões muito variáveis resultantes da desagregação do substrato, assentando diretamente no granito de base, alterado. Na Sondagem 1 apresenta uma espessura média de 15 cm e na Sondagem 2 varia entre os 13 cm (no lado oeste) e os 46 cm (no lado oposto). Contém alguns materiais arqueológicos, muito rolados, sobretudo na Sondagem 1.

O estado de conservação diferenciada dos restos cerâmicos – mais rolados na Sondagem 1 que na Sondagem 2 – e a orientação predominante dos clastos e lajes embalados nos sedimentos, indicam fortes processos de erosão e transporte dos sedimentos (e materiais cerâmicos associados) da parte mais alta para a mais baixa do interior do recinto. Estes processos terão sido responsáveis pela destruição dos níveis arqueológicos originais.

O espólio recolhido é muito escasso, sendo composto unicamente por peças cerâmicas muito fragmentadas. Entre os 92 fragmentos recolhidos nas sondagens 1 e 2 não foi possível obter nenhuma colagem nem nenhuma correlação entre fragmentos da mesma peça. Não obstante a reduzida dimensão desta coleção (Tabela 1), foi possível reconhecer bordos pertencentes a potes e/ou panelas, bem como uma asa de um jarro e uma base de um alguidar de base em disco. Estas formas cerâmicas são típicas dos contextos alto-medievais da região, estando referenciados (e datados do século X) nos sítios de São Gens e Soida, no concelho de Celorico da Beira, Penedo dos Mouros, em Gouveia, e Senhora do Barrocal, no Sátão. As pastas cerâmicas são também semelhantes e os poucos fragmentos que apresentam decoração têm também paralelos naqueles sítios arqueológicos.



Figura 3

Sondagem realizadas no interior do recinto fortificado. A. Vista geral; B. Sondagem 1; C. Sondagem 2.

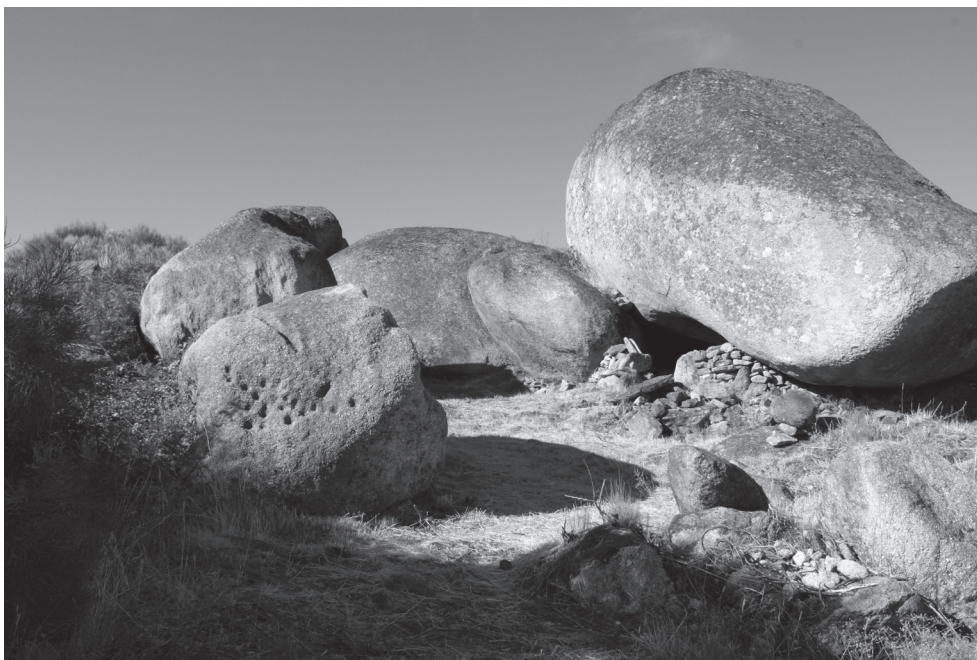


Figura 4

Rocha com "cavinhas" e abrigo natural sob rocha.



Figura 5

Muralha do recinto fortificado de São Pedro. A. vista interior; B. Vista exterior junto da entrada.

Tipo de fragmentos		Recinto fortificado		Totais
		Sondagem 1	Sondagem 2	
Bojos lisos		9	52	61
Bojos brunidos		-	3	3
Bojos decorados	Cordão plástico	-	4	4
	Linha incisa	1	5	6
	Linhas incisadas paralelas	-	2	2
Bases	Planas	2	5	7
	Em disco	-	2	2
Bordos lisos	De alguidar	1	-	1
	De pote	1	-	1
	De jarro	1	-	1
	Forma indeterminada	2	1	3
Asa de fita	Decorada com punção	1	-	1
Total de fragmentos		18	74	92

Tabela 1

Inventário geral das cerâmicas identificadas.

3. CONCLUSÕES E INTERPRETAÇÃO GERAL

As cerâmicas identificadas são o único elemento que permite propor uma cronologia para o recinto fortificado, que terá assim sido erguido e usado algures no século X ou já mesmo no século XI. Ao contrário do Penedo dos Mouros, Soida e São Gens, que também eram dotados de uma cerca pétreia – nestes casos, completada por uma paliçada (Tente, 2012) –, o recinto de S. Pedro não terá sido um espaço habitado regularmente. O parco espólio recolhido é reflexo disso mesmo. Apesar de os fragmentos cerâmicos estarem rolados, o que indicia o seu transporte pós-deposicional, os recipientes que ali foram usados e abandonados não saíram do recinto, pois o mesmo encontra-se completamente fechado pela muralha e afloramentos. A ausência de outro tipo de espólio, bem como a inexistência de quaisquer estruturas internas, são outros dois fatores que abonam a favor desta interpretação. Ao contrário dos demais sítios da mesma época, não se identificaram quaisquer macrorrestos botânicos carbonizados, o que tanto pode ser explicado pelo facto de não terem efetivamente existido ali quaisquer estruturas construídas em materiais perecíveis (paliçadas, passadiços, cabanas, etc.) ou de as mesmas, tendo existido, não terem sido destruídas por ação do fogo.

O recinto de S. Pedro apresenta ainda mais duas particularidades face àqueles sítios: tem uma dimensão muito reduzida (c. 520 m²) e localiza-se num

ponto destacado na paisagem. No entanto, a escolha da sua localização não foi apenas norteada pelo domínio visual sobre o território envolvente. Outro critério terá sido a escolha de um ponto que fosse, simultaneamente, marcante em si mesmo e identificável a partir do exterior.

Em suma, os dados arqueológicos apontam para que o recinto tenha sido erguido para marcar aquele território, mas sem ter assumido uma função habitacional permanente.

Qual terá sido então a função deste espaço? Se se tratava de refúgio de uma comunidade que eventualmente habitasse nas suas imediações, não faria sentido escolher um lugar tão evidenciado na paisagem. Nos casos do Penedo dos Mouros e da Soida, a estratégia de defesa passou por ocupar locais que dominavam áreas envolventes mas que eram praticamente invisíveis para quem se aproximasse de fora (Angelucci et al., 2004; Tente, 2012). Poderá ter sido um espaço de reunião da comunidade? Se sim, fará sentido ter sido escolhida esta elevação íngreme e ter sido colocado tamanho investimento para dotá-la de uma muralha e assim dominar o espaço envolvente? Ou, pelo contrário, representa o poder político que dominava essa comunidade? A posição que o recinto ocupa e as muralhas que possui são claramente elementos de um discurso de Poder, usado pelas elites (locais e não só) como representação do mesmo. Materializariam assim o domínio que estas exerceriam sobre o território e os habitantes que nele viviam, mesmo se a sua presença pudesse ter sido apenas esporádica. Nesta hipótese interpretativa, o recinto poderia então ter servido também de espaço para receber a comunidade ou os seus representantes, para coletar renda, ou para resolver disputas e conflitos.

Não se conhecem na região paralelos para o recinto de S. Pedro. A procura da sua funcionalidade e significado terá de passar pela realização de mais escavações nas outras áreas do complexo. Não é improvável que no sector mais baixo, junto da antiga igreja/capela, ou sob as ruínas da aldeia, possam existir vestígios de uma ocupação alto-medieval contemporânea do recinto. Todavia, esses eventuais indícios não foram ainda reconhecidos no terreno. As ruínas ali existentes têm uma cronologia moderna e estariam associadas à igreja recentemente destruída.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. (2013) — *Forninhos, a terra dos nossos avós*, Aguiar da Beira: Junta de Freguesia de São Pedro de Forninhos.

ANGELUCCI, D., TENTE, C., MARTINS, A. R. (2004) — O Penedo dos Mouros e a sua integração paisagística, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:1, Lisboa: IPA, p. 467-481.

COELHO, J. (1948) — Notas arqueológicas. "Cidades mortas". Contribuição para o estudo arqueológico e artístico da Beira, *Ethnos*, 3, p. 281-298.

TENTE, C. (2012) — Settlement and territory in the Upper Mondego Basin (Centre of Portugal) between the 5th century and the 11th century, *Archeologia Medievale*, XXXIX, p. 385-398.

VAZ, J. I. (1997) — *A civitas de Viseu. Espaço e sociedade. História local e regional*, vol. 1. Viseu: Comissão de Coordenação Regional do Centro.

AGRADECIMENTOS

O apoio logístico aos trabalhos de campo foi prestado pela Junta de Freguesia de Forninhos, a quem agradecemos a disponibilidade, assim como a Pedro Sobral de Carvalho e Tiago Ramos, que colaboraram nos trabalhos de campo. Um agradecimento especial é devido ao Sr. José Tomás, que realizou a topografia.